

APRENDER A SER MÃE E PAI DE UMA FILHA E OU FILHO LGBT: O ATIVISMO SOCIAL E POLÍTICO DAS FAMÍLIAS

Corpo, Género e Sexualidade

Maria Fernanda Alves da Silva Ferreira ¹
Cristina Maria Lopes Pereira Vieira ²
Luís Filipe Oliveira Santos ³

RESUMO

Este trabalho de investigação foi desenvolvido com o objetivo de descrever as experiências de mães e pais com filhas e/ou filhos com orientação sexual, identidade e expressão de género não normativa. Em termos metodológicos, optou-se pela investigação qualitativa de cariz fenomenológico. Os resultados, apoiados na análise de conteúdo, sugerem o ativismo como uma rede social de apoio a mães e pais com filhas e filhos LGBT. A falta de modelos e referências de famílias com filhas/os LGBT revela ser uma problemática que traz angústia e sofrimento. Por isso, o processo de ajustamento psicossocial e o empoderamento de mães e pais como ativistas no meio social e político legitima e dignifica as famílias com filhas e filhos LGBT.

Palavras-chave: Parentalidade, LGBT, Ativismo.

INTRODUÇÃO

O preconceito e a discriminação dirigidos a pessoas LGBTs, no mundo atual, são um tema que tem gerado discussão tanto na sociedade como nas políticas públicas. As agressões físicas e verbais e a limitação de direitos às pessoas LGBT manifestam a necessidade urgente de leis, propostas e ações que punam atitudes de teor homofóbico, bifóbico e transfóbico e situações de discriminação com base na orientação sexual e na identidade género (Nascimento & Garcia, 2018).

¹ Mestre em Relações Interculturais, Mestrado da Universidade Aberta - UAb, fernanda.ferreira.doc@gmail.com.

² Professora Auxiliar da Universidade Aberta, Investigadora do CIEG/ISCSP, cvieira@uab.pt.

³ Professor Associado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Portugal. Psicólogo Clínico no Hospital-Escola Fernando Pessoa, Portugal, lsantos@ufp.edu.pt.

Tendo em conta este cenário, não é de surpreender que muitas mães e muitos pais não reajam da melhor forma após a revelação da homossexualidade, bissexualidade ou transgeneridade das suas filhas e filhos. Como tal, o surgimento de uma organização chamada AMPLOS é um fenómeno que merece uma especial atenção e um estudo aprofundado. A procura de apoio, informação e conhecimento conduz muitas mães e muitos pais a esta associação, quando confrontadas/os com a revelação da não heterossexualidade ou cisgeneridade da/o filha/o.⁴

Assim, partindo para uma reflexão metodológica, desta investigação, projetei a finalidade do objetivo geral com a pretensão de explorar as experiências de mães e pais com filhas/os com orientação sexual, expressões ou identidade de género não normativa. Os objetivos específicos consistiram em contextualizar o processo de tomada de conhecimento das mães e pais da orientação sexual ou identidade de género não normativa da filha ou filho, explorar as experiências de ajustamento psicossocial face à tomada de conhecimento da orientação sexual ou identidade de género não normativa da filha ou filho e relacionar o papel do ativismo com o processo de respeito da diversidade sexual e da diversidade de género.

Para explorar o terreno da problemática desta investigação foram utilizadas, inicialmente, as operações de leitura, para assegurar a qualidade da problematização. Como complemento utilizei a técnica de entrevista semiestruturada com perguntas exploratórias. Como as entrevistas alargam ou corrigem o campo de investigação das leituras, tornou-se, desta forma, um complemento uma da outra (Quivy & Campenhoudt, 1998).

METODOLOGIA

Usamos a metodologia qualitativa, sob o modelo de pesquisa do método fenomenológico, que representa *descrição das experiências vividas* um fenómeno, (Creswell, 1998 como citado em Holanda, 2006, p. 370).

Optamos por questões exploratórias do significado da experiência, a partir da recolha de dados das pessoas que experienciaram o fenómeno, feitas através de entrevistas semiestruturadas, acrescidas de autorreflexão (Holanda, 2006).

⁴ Na medida do possível, tentei escrever de forma inclusiva considerando ainda as pessoas binárias como não binárias. Existem opções de escrita neutra em português, mas é ainda discutível o seu uso devido à dificuldade de aplicação tanto falado como escrito. Confira aqui: *Cassiano, Ophelia. (2019, setembro 30). ! ! M ! O !) -BR*. Última Atualização: 22 de dezembro de 2020. Recuperado de: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>.

Com base em oito critérios de seleção (parentesco; idade; concelho de residência; habilitações literárias; profissão; estado civil; orientação sexual ou identidade de género da/o filha/o e a idade da/o filha/o), participaram neste estudo: 11 mães e 3 pais; com idades compreendidas entre 42 e 69 anos; residentes entre o Norte, Centro e Sul de Portugal. As habilitações literárias das/os participantes variam entre 9.º ano e doutoramento. Importa referir que maioria das mães e dos pais deste estudo possuem educação superior. No momento da entrevista encontravam-se todas/os empregadas/os, exceto uma mãe que se encontrava em situação de desemprego e uma mãe reformada. O estado civil varia entre seis mães casadas, três divorciadas, uma solteira e uma viúva, dois pais casados e um em união de facto. A situação de cada mãe e cada pai consiste em: uma mãe com uma filha trans, uma mãe com um filho trans, três mães com filhas

outras pessoas; a existência de um conflito igual ou maior do que antes da revelação; nenhum apreço pela orientação sexual ou identidade de género da/o filha/o; pouco ou nenhum contacto com a população LGBT; pouca ou nenhuma inclusão das/os namoradas/os das/os filhas/os; a rara capacidade para projetar a vida futura das/os filhas/os. Nas *famílias ambivalentes*, observamos nos seus discursos uma reação interna baseada na vergonha; uma limitação da revelação a uma parte da família e amigas/os; uma mudança positiva nas relações familiares, mas falta de coragem e firmeza; uma identificação, maior compreensão e sensibilidade pela orientação sexual ou identidade de género da/o filha/o; existência do contacto com outras mães e pais com filhas/os LGBT; e maior capacidade de projetar o futuro das/os filhas/os, mas com sensação de incerteza e receio. Nas *famílias integradas*, observamos nos seus discursos pouca ou nenhuma vergonha e recriminação, congruente com as reações internas; que não há segredo e, conseqüentemente, há uma revelação à maior parte da família e amigas/os; que há melhoria nas relações familiares, em que os conflitos concebem proximidade e não afastamento; uma capacidade de contribuir positivamente ao lado das/os filhas/os LGBT; um envolvimento com a população LGBT e suas associações; a inclusão evidente da/o namorada/o da filha/o na família; e a capacidade de projetar acontecimentos positivos para o futuro das/os filhas/os (Herdt & Koff, 2002 como citado em Frazão & Rosário, 2008).

Os perfis de tipologia desintegrada e ambivalente procuraram apoio, compreensão, explicações para o que lhes estava a acontecer, de forma a sentirem alguma esperança para o futuro. Os perfis de tipologia integrada procuraram mais esclarecimentos com o intuito de contribuir no apoio a outras famílias em iguais circunstâncias e cooperar na participação cívica e política.

Um ponto em comum observado nos discursos foi o sentimento de medo da sociedade: medo de como as pessoas iriam reagir à volta da/o filha/o; medo do sofrimento da/o filha/o; medo por aquilo que as pessoas iriam pensar; medo de como a família iria conseguir lidar com a situação; medo da discriminação; medo que fizessem mal à/ao filha/o.

A heteronormatividade e cisnormatividade são barreiras que dificultam as pessoas na divulgação da sua verdadeira essência sem constrangimentos, por não se sentirem confortáveis com a sua orientação sexual ou identidade de género. Da mesma forma, observamos que as mães e os pais sentem esse desconforto e constrangimento - de revelar a orientação sexual ou a identidade de género das suas filhas ou filhos à família e à sociedade.

Assim, observamos nos discursos que o contacto com a população LGBT, o convívio entre pares e a participação em programas educativos sobre questões da orientação sexual e

identidade de género, revelaram ser fatores fundamentais para uma transformação comportamental de mães e pais em relação à população LGBT (Frazão & Rosário, 2008).

Podemos salientar que a AMPLOS, como nos mostra a literatura, representa assim um recurso pertinente na construção de afinidades e relações baseadas em vínculos de solidariedade, confiança e de reciprocidade. Ainda, estimula o interesse e a responsabilidade com os temas públicos, cuja consequência abala o regular funcionamento das instituições e da própria democracia (Lüchmann, 2014).

Outro ponto em comum encontrado nas mães e nos pais, que deve ser inserido na discussão, consiste na benéfica relação familiar antecedente à revelação. Assim, mães e pais que procuraram a AMPLOS manifestaram a sua livre vontade de reajustamento psicossocial face à nova realidade, sendo este o primeiro passo para alcançar o papel como ativistas. Como observamos nos discursos, a preocupação já não tem a ver diretamente com as/os próprias/os filhas/os: consiste no sentimento de preocupação para com outras/os jovens e menos jovens, que não tiveram a sorte de terem uma mãe ou um pai com vontade de se reajustar à nova realidade.

A ausência de reconhecimento de mães e pais com filhos LGBT gerou, assim, um movimento social, tornando-se visível através da sua identidade coletiva, gerada por muitas pessoas e caracterizada pela interação, pela harmonia e pela sentida tensão particular desse processo.

Contudo, até conseguir alcançar o sentimento de normalização, é necessário passar por um processo de cura. Por isso, o principal foco motivador que levou mães e pais a procurar a AMPLOS consistiu na esperança de encontrar respostas para acalmar as diversas angústias e inquietações. Observamos neste estudo que o ajustamento psicossocial é finalmente alcançado, mas não deixa de ser um processo que deixa sempre marcas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aprender a ser mãe e pai de LGBT aumenta as chances de mudança e transformação da sociedade hétero-cis-normativa para uma sociedade mais aberta à diversidade e respeitadora dos Direitos Humanos. O envolvimento com o associativismo e ativismo contribui assim para uma verdadeira mudança e implementação de novas políticas públicas. O processo de ajustamento psicossocial e o empoderamento de mães e pais como ativistas no meio social e político legitima e dignifica as famílias com filhas e filhos LGBT.

O resultado deste estudo, além do fim académico a que se propõe, pretende ser devolvido às pessoas beneficiadas neste estudo, para a devida disseminação de conhecimentos (Sousa,

2007). Por isso, estudos que possam contribuir para a visibilidade destas mães e destes pais e compreender os seus processos sociais ainda em construção poderão contingentemente fornecer valiosas pistas para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. 2016. 63 - 86 p. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

FRAZÃO, P. & ROSÁRIO, R. O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. **Análise Psicológica**, 26(1). 2008. 34 - 37 p. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/475>. Acesso em: 28 jul. 2022.

HOLANDA A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, 24(3). 2006. 370 p. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010. Acesso em: 28 jul. 2022.

LÜCHMANN, L. H. H. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 29(85). 2014. 164 p. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/107/10731727011.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

NASCIMENTO, R. F. DO & GARCIA, M. R. V. Homo/transsexualidades e família: Análise de um grupo voltado a pais e mães de LGBTs. **Laplage em Revista** 4(3). 2018. 210 p. Disponível em: <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/403>. Acesso em: 28 jul. 2022.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em ciências sociais**. (2.^a ed.). Gradiva. 1998. 226 - 227 p. Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2018/09/quivy-manual-investigacao-novo.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SOUSA, L. **A prática da antropologia**. Universidade Aberta. 2007. 47 p. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6725/4/A%20Pr%C3%A1tica%20da%20Antropologia_reposit%C3%B3rio.pdf. Acesso em: 28 jul. 2022.